ANNO VIII — TERÇA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1868 — N.º 795

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração—Rua da Fabrica—Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

Politica interna

BOLETIM

Publicou o *Diario* um decreto com data de 4 de setembro approvando, com ratificação do poder executivo, a convenção postal entre Portugal e a Belgica assignada em Lisboa pelos respectivos plenipotenciarios em 9 de maio do corrente anno.

Um outro do ministerio da guerra regulando a instrucção militar tanto no que diz respeito aos diversos cursos da escola, como as garantias ou vantagens do mesmo estudo.

Uma portaria do mesmo ministerio regularisando a arrematação dos fornecimentos de mantimentos ao exercito, devendo estes fazer-se por pequenas partes, por fórma que a ellas possam concorrer os grandes e pequenos productores.

—O *Diario* de hontem nada traz de interesse.

AS PROCLAMAÇÕES IBERICAS

O apparecimento de proclamações ibericas nas ruas da capital veio dar vulto aos receios de que appareçam tentativas no mesmo sentido, e que nós tenhamos de soffrer as consequencias do movimento liberal hespanhol. Taes tentativas, por demasiado absurdas, e absolutamente destituidas de toda a probabilidade d'exito, não passam, porém, de sonho de visionario, e de apprehensão infundamentada de espiritos meticulosos.

Muitas vezes temos dito que nos parece que ninguem em Portugal pensa seriamente na união dos dois paizes. Alguns espiritos ou mais ambiciosos ou mais arrojados conceberão porventura esse pensamento, debaixo do ponto de vista da grandeza e preponderancia politica que assumiria na Europa o novo estado. E nem essa grandeza e preponderancia podem rasoavelmente ser negadas. Seriam consequencias necessarias da sonhada união. Mas os que tem folego para julgar essas vantagens não podem deixar de ter o juizo sufficientemente exclarecido para medirem as desvantagens que com ellas viriam d'envolta, e as assoberbariam.

Afora isto haveria as difficuldades de realisar similhante união pela grande repugnancia e odio que ella excita na quasi totalidade do povo portuguez. Para que fosse proficua, para que fosse possivel no sentido em que a desejam os que se enthusiasmam com os sonhados beneficios, que d'ella nos proviriam, seria preciso que fosse bem aceite á maioria dos portuguezes. Não o é. Escusam de assustar-se de que ha um grande partido que proclama essa ideia, porque realmente não existe tal partido.

Querem uma prova frisante de que não ha em Portugal partido, ou cousa que mereça este nome, que queira a união iberica? Tem-na mesmo n'essas proclamações, atiradas subrepticiamente para baixo das portas, espalhadas nas trevas, das quaes ninguem quer a responsabilidade. Pois ha um partido iberico, e todos se recusam a confessar as suas doutrinas, os seus intuitos, os seus meios de proselytismo.

Manejos occultos, conspirações latentes, comprehendem-se, receiam-se quando é o governo que comprime a opinião, e não a deixa manifestar-se publicamente. Mas aqui é o contrario. Aqui é o governo que é accusado de conspirador, e é contra elle, contra as suas tentativas revolucionarias que se tenta prevenir o espirito publico! Um partido que tem por si o poder, e que precisa maquinar nas trevas, é porque não é partido, é porque a opinião geral o repelle, e desapprova. Não póde receiar-se o esforço dos seus associados.

As proclamações, que ultimamente appareceram em Lisboa, mais nos parecem uma arma politica, do que um pregão revolucionario. A maneira porque d'ellas se deu noticia confirma a nossa suspeita. Desligados dos ministros, e bem longe de querermos tomar a sua defeza, não approvâmos este meio de opposição. Temol-o por desleal, e altamente perigoso para a tranquillidade do paiz.

Se d'alguma cousa receiamos quando esta febre de sustos ibericos se manifesta, é que se propague e converta em epidemia assoladora. Com o odio que o povo tem a todas as combinações, das quaes possa resultar a perda da autonomia do reino, depois do que a este respeito se tem feito acreditar, para despertar o seu patriotismo, a ideia de tentativas ibericas, propalada entre as classes inferiores, ordinariamente turbulentas e atreitas a exagerarem todas as paixões, póde dar logar ás mais lamentaveis desordens. Se se levantasse voz de que se procurava atraiçoar o paiz, e entregal-o á Hespanha, ninguem póde aventar até que extremos chegaria o furor desordenado do povo.

Isto deve prevenir-se. A prudencia de todos os homens intelligentes, que, n'estas crises, são as primeiras victimas, deve obstar a toda a excitação damnosa. Não deixemos adormecer o patriotismo do povo, mas não contribuamos para que elle se desvaire. Estejamos d'atalaia para que não surja sequer a ideia de sacrificar a independencia portugueza, mas não antecipemos receios, nem excitemos manifestações intempestivas contra a sombra totalmente inconsistente de sonhadas conspirações.

As economias começaram pela suppressão do conselho ultramarino. Ha tanto tempo se fallava d'esta medida, e tantas outras de maior vulto deviam acompanhal-a, que a opinião publica a recebeu friamente. Se o ministerio depois de tantas promessas julgou contentar com isto a impaciencia de reformas, perdeu o seu tempo.

Não desestimâmos todavia esta suppressão. Era necessaria, e conveniente. Mas a actividade do governo não deve parar n'este pequenissimo esforço. Se com tão pouco ficou cançada, não valia cousa que prestasse.

Estão promettidas reducções em todos os serviços, reformas em todas as repartições, economias em todos os capitulos de despeza. Tudo isso é mais que muito necessario.

Agora vae seguir-se a reforma da engenharia civil, mais destruição que reforma, segundo nos informam, em que o sr. Calheiros nos promette mostrar o seu genero reformador, e da qual deve rezultar valioza diminuição da despeza. Se cada medida, e cada reforma, e cada economia, levarem tanto tempo a meditar e a promulgar como a suppressão do conselho ultramarino, quando chegaremos nós a alguma cousa de maior tomo?

Não temos pretensões no conselho de districto, nem as tivemos nunca. Não temos que agradecer aos conselheiros que foram, nem teremos que pedir aos conselheiros que são. Se o *Campeão*, julgando-nos por si, entende que nós gostamos mais ou menos da actual organisação d'aquelle tribunal por o reputarmos mais ou menos dependente da nossa influencia, illude-se. Essas segundas vistas, essas intenções reservadas guarde-as para si, que realmente lhe pertencem, e a ninguem mais aqui.

Temos a maior consideração por todos os nomeados, e todos com excepção de um foram votados por nós, e guerreados por aquelle jornal — pertencem á nossa lista e não á d'elle. Pelo lado politico devemos estar, e estamos satisfeitos: pelo que respeita ás pessoas, não menos o estamos, porque somos os primeiros a confessar a respeitabilidade d'ellas.

Mas não é d'isso que se trata — não foi isso o que nós arguimos. O que arguimos é o modo porque foi organisada a lista dos nomeados. Esse é que subversivo dos principios, e contrario á imparcialidade e ao decoro que a auctoridade, que se respeita, deve guardar escrupulosamente em todos os seus actos.

Concordamos que na lista dos doze nomes o governo possa escolher ou os mais habeis, ou — concedamol-o ainda — aquelles com quem politicamente mais sympatisa; mas no proprio uso d'essa faculdade cumpre-lhe observar as regras invariaveis da justiça, os preceitos sempre imperativos da coherencia e da moralidade politica.

Nos doze nomes havia um que tinha entrado na lista apenas por ter preferido no empate com mais cinco ou seis de menor idade; que não tinha portanto obtido maioria; que devia a sua entrada a uma circumstancia extranha á vontade dos votantes; por mais respeitavel e considerado que seja, podia pois este nome preferir aos onze restantes, e ser escolhido em primeiro logar? Regularmente não podia. Ponhamos de parte a qualidade da pessoa, e confessamos que esta preferencia é um escandalo.

Agora outra circumstancia. Os nomes dos srs. Mendes Leite e José Pereira foram dos mais votados, porque appareceram incluidos nas listas de dois ou trez vogaes da junta geral que votaram com o sr. secretario geral. No entretanto estes nomes acham-se apontados para conselheiros substitutos, e não como effectivos.

Como é que isto se explica? Aqui nem póde haver a tangente de estes cavalheiros não merecerem a confiança da auctoridade, porque se a não mereciam como effectivos, tambem não podiam merecel-a como substitutos, e a eleminação dos seus nomes das listas dos primeiros não é senão uma desconsideração partidaria, que não fica mal a quem a recebe, mas que desconceitua quem a pratica.

Não sabemos se o erro foi do sr. Godinho, se do sr. bispo. Diz-se que a proposta que d'aqui foi, fôra alterada em Lisboa, por influencia de uma personagem muito conhecida d'este districto, que a intriga, á falta d'outro merecimento, tornou importante. E' possivel que seja assim. Nós sabemos bem que o sr. D. Antonio conhece o que vale o sr. Godinho, e que o trata com tanta desconsideração, que nem lhe responde aos officios.

Mas seja do ministro do reino ou do secretario geral, nem por isso o escandalo é menor. Va a censura a quem toca.

As calumnias do *Campeão* quanto á maneira por que teem sido resolvidos os negocios no conselho de districto nos precedentes biennios, teem o mesmo valor que os seus elogios áquelles a quem hontem guerreava, considerando-os insignificantes. Ha, porém, certas artes que só teem, e só ficam bem aos intriguistas de officio como os redactores d'aquella folha. Ninguem póde com effeito servir o cargo sem lhes pedir venia!

Depois de terem guerreado o nome d'um cavalheiro que foi incluido na lista dos effectivos, o qual teve apenas os *seis* votos da nossa lista, foram, já ha dias, apresentar-lhe os seus cumprimentos, e declarar-lhe que era ao bom conceito em que o tinham que elle devia ter sido primeiro incluido na lista, e depois nomeado!

Elles desejam homens que façam justiça ás partes, mas foram-os banindo da sua lista, e só em ultimo caso, quando viram que não tinham outro recurso, se curvaram então deante da honradez provada! Entendemos. Já que não podem ser amigos, que não sejam inimigos!

Affirmam-nos que o sr. ministro da fazenda vae praticar um escandalo, que dá bom credito da sua honestidade, e do seu amor pelas economias.

Entre os concorrentes ao logar de recebedor d'esta comarca, appareceu um, ou mais, que se offereceu a servir aquelle logar prescindindo de vinte e cinco por cento na percentagem arbitrada a esta recebadoria. Offerecendo este ou estes concorrentes boas garantias, com fiança em dinheiro ou inscripções, com mais do que as necessarias habilitações, e reunindo excellentes informações, é claro que deviam ser os preferidos.

Tratando se de fazer economias, pedindo-se para esse fim sacrificios a todas as classes, procurando-se reformar os quadros afim de diminuir a despeza com o pessoal das diversas repartições, um tal offerecimento não podia regularmente ser desprezado. Variando a percentagem arbitrada a todas as recebedorias (a d'esta é de 17 por milhar) não podia mesmo haver a desculpa de alterar a regra geral, porque n'este caso a não ha.

Asseguram-nos, porém, que o sr. Carlos Bento vae saltar por cima de todas estas considerações, e despachar um afilhado. Não nos parece muito crivel, mas é muito possivel, e, francamente, não nos admiramos que o sr. Carlos Bento o pratique. S. ex.ª é tão fraco deante de certas influencias, deve-lhes tantos favores, que não póde, talvez não queira perder a occasião de lh'os pagar da bolça do povo. Ficam-lhe assim baratos.

Com que direito irá, porém, depois o sr. ministro da fazenda pedir a qualquer outra classe de funccionarios uma deducção qualquer, mettendo annualmente *duzentos mil réis* no bolço do recebedor de Aveiro? Mais teremos que vêr?

Não ha época mais farta de escandalos, louvores a Deus! E é não queixar, que iremos cada vez peor!

ARMAMENTO E DEFENSÃO DO PAIZ

XI

Ventila-se uma questão renhida entre os engenheiros portuguezes sobre se, para a defeza proxima de Lisboa, deve aproveitar-se a linha de Torres Vedras ou as de Sacavem.

Divergem as opiniões e os alvitres, cada qual argumenta ao sabor do seu convencimento, e após tanto arguir e discutir, o problema ainda não foi talvez resolvido.

Não queremos nós vir a terreiro, qual novo Archimedes e decidir a contenda *ex-cathedra*.

Julgamos, porém, e queiram relevar-nos a franqueza, que a questão não vale tanto disputar e não tem a importancia cabal, que querem dar-lhe.

Uma e outra linha, como todas as coisas d'este mundo, teem vantagens e inconvenientes, prós e contras.

No caso de haver um exercito assaz fórte, as linhas de Torres-Vedras são indisputavelmente muito preferiveis.

Por vezes o havemos dito já, e estamos quasi a refusar-nos de o repetir.

Não póde uma capital ser praça de guerra, ainda que no paiz nenhuma outra haja, e por tanto mal avisados andam os que querem defendel-a de um assedio em regra.

Por isso, e porque a nossa capital deve ser o centro para onde confluam todas as forças do reino, cumpre que a sua defeza proxima seja o mais distante possivel.

Dizem porém os nossos contrarios que as linhas de Torres-Vedras tem o flanco esquerdo bastante fraco, e que o seu desenvolvimento é muito grande.

Verdade é que o flanco esquerdo, maiormente no verão, em que o Cisandro secca de todo, é fraco, e este reparo já tinha sido feito pelos inglezes em 1810.

Mas o flanco esquerdo não deve ser nos fortes de Torres-Vedras, senão nas alturas do Varatejo, ponto de magnifica defesa. No inverno toda a bacia de Torres-Vedras póde ser inundada, como fizeram os inglezes na invasão de Massena.

E além d'isto, se Peniche estiver bem afortalezada, em guisa de praça de guerra, o flanco esquerdo não póde ser facilmente torneado.

Accresce tambem que as linhas de Torres-Vedras facilitam que qualquer ponto d'ellas seja soccorrido, sem perda de tempo, tanto que as coisas estejam dispostas, como determinou lord Wellington.

A segunda objecção não colhe, porque partimos da hypothese de que tinhamos sufficiente força para guarnecer aslinhas.

Bem pouca força tinha lord Wellington, e comtudo não hesitou em a distribuir por essas linhas, comquanto o seu primitivo plano fosse occupar posições menos avançadas.

Além de todas estas vantagens, tem as

Folhetim

EM HESPANHA

A REVOLUÇÃO

I

Acordaram ainda a tempo os espiritos bellicosos do visinho reino. A tyrannia pode suffocar a força da acção, mas não mata o pensamento grande da ideia. O despotismo dos reis faz victimas, não chama proselytos. A devassidão de uma côrte fastosa póde agradar aos aulicos, mas não illude o povo.

E assim o throno bourbonico, hontem parecendo em solido esteio, está hoje prestes a cair por terra! E assim a mulher que assignava hontem sentenças de morte, documento iniquo dos seus ruins instinctos, está hoje em risco de ir expiar no exilio a sentença soberana do povo que humilhára, sentença terrivel porque parte de uma nação esmagada sob o peso de um dominio sanguinario, sentença de morte porque expressa «condemnação de um povo inteiro!»

A risonha Andaluzia lá deu o signal de alarme, e ao futuro dos que n'ella ergueram o grito de liberdade está hoje associado o futuro da Hespanha. Trava-se a lucta tremenda, a lucta da reacção, a lucta da ideia que representa avanço, com a tyrannia legal que representa retrocesso. Quem vencerá? E' facil conjectural-o.

Dentro em pouco a revolução, que tomou por divisa a soberania da nação hespanhola, irá bater ás portas de Madrid, e senhora da capital como já o está de algumas importantes provincias, derribará a dynastia da catholica Isabel, morta moralmente desde a hora em que Cadiz deu o primeiro passo para o acontecimento solemne que ha de trazer á Hespanha os fóros de nação livre e civilisada.

Era tempo para um grandioso successo ter logar. Era tempo para echoarem em toda a Hespanha as ideias de rebellião contra uma dynastia oppressora e sanguinaria. Era occasião para tomarem corpo os principios que condemnam a tyrannia, quer ella parta dos reis e seja sanccionada pelos governos, quer dos governos e seja fomentada pelos reis.

Agora é não olhar a perigos, nem vêr difficuldades. Se a Hespanha quizer ha de ser livre, mau grado dos partidarios da rainha, que aqui dirigem ataques, e além ordenam perseguições. Ha de ser livre, porque soou alfim a hora da sua emancipação de um jugo degradante e mil vezes vexatorio. Ha de ser livre, porque a ideia liberal, que é a ideia do porvir vae cada vez enraizando-se mais no coração dos hespanhoes, e é ella que clama contra tudo o que respira barbaridade e intolerancia.

A historia dos povos nem sempre é conhecida dos reis. Se o fôra não teria tido o povo hespanhol na sua rainha o mais forte elemento de tyrannia e despotismo. Não, porque ella então anteveria o fim desastroso a que um dia seria condemnada a realeza do seu poder!

E, que parece ser chegada a hora da condemnação do reinado da filha de Fernando VII, agora que do telegrapho esperâmos a todo o instante a palavra ultima sobre o destino futuro da neta de S. Luiz, agora que triumpha o grito revolucionario á luz do sol alegre das Hespanhas, e que vae ganhando campo o principio anti-dynastico-bourbonico, convem attentar bem no que houver de seguir-se.

Sim; nós, os applaudidores da revolução em nome da ideia civilisadora, nós, os enthusiastas pela causa dos hespanhoes no que ella tem de generosa e justa quanto ao exterminio de um jugo tyrannico, nós, os condemnadores do governo da herdeira de Carlos V pelo que elles tem feito verter de sangue, pelas lagrimas que ha levado a derramar a tantas mães privadas de seus filhos, a tantos filhos orphãos e a tantas esposas inconsolaveis pela perda de seus maridos, nós, que ainda nos recordâmos com horror da mortandade de 22 de junho de 1866, facto negro, no reinado de Isabel, que ha de sempre ressumbrar no seu futuro, seja elle qual for, não queremos vêr mudança de nomes para seguimento de caminho nefasto, queremos transformação de principios para installação de governo feliz. Queremos, ou, para melhor, desejâmos que isso succeda, porque, visinhos e amigos da Hespanha, interessâmo-nos pela felicidade dos hespanhoes e congratulâmo-nos pelo exito lisongeiro das suas tentativas de engrandecimento da patria.

Porque d'este modo pensâmos não vão dizer-nos todavia que não sympathisâmos com as ideias das juntas revolucionarias de Cadiz e Sevilha.

Sensatas e liberaes, essas ideias são de todo o ponto aceitaveis; é preciso não as desvirtuar, antes fazer porque vinguem em toda a força da sua manifestação. Só assim se completará a obra grande da revolução, só assim se tornará verdadeiramente notavel o pensamento que a fez rebentar!

As revoluções, se ás vezes trazem comsigo graves males, arvoradas em nome da liberdade e da tolerancia politica e religiosa só podem produzir resultadss vantajosos. Tudo depende da boa direcção, da efficacia dos meios e da justiça do fim. A tactica de generaes peritos póde faltar a fortuna, que nasce, por vezes, do acaso. A vontade soberana de um povo não ha obstaculos invenciveis. Quando, de mais, a revolução tem em vista debellar a tyrannia dos reis é sagrado o direito dos povos.

Seguirei com o interesse que merecem os acontecimentos da Hespanha, e oxalá ella se saiba levantar á altura eminente da ideia que a levou ao grito revolucionario!

27 de setembro de 1868.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

linhas de Torres Vedras uma, que a toda sobreleva, e vem a ser, que pela posição avançada do flanco esquerdo bate de espalda o inimigo, o qual, apertado entre os obstaculos da frente e as cristas da serra de Monte-junto pela retaguarda, não tem campo para mover-sere vê-se obrigado já a atacar sem perda de tempo, já a retirar, porque de outra sorte morre litteralmente de fome.

Todas estas considerações levam-nos pois a instar pelo aproveitamento das linhas de Torres Vedras, cujo flanco direito, nos serros de Alhandra, é inexpugnavel.

Convem accrescentar que este flanco direito é para nós o mais importante, ao passo que para os inglezes era o esquerdo.

A linha de communicação dos nossos alliados era o mar, e por isso importava-lhes ter sempre a retirada livre.

A nossa base de operações é Lisboa, cujo caminho directo é a estrada marginal do Tejo.

Mas sem embargo d'isto e das suas poucas forças, era tal a vantagem estrategica que lord Wellington via no avanço do seu flanco esquerdo, que não titubeou um só momento.

E demais, longe de nós a pecha de exclusivistas.

Nas linhas de Sacavem ha poucos fortes; pois sejam occupados, que n'esta questão de defeza proxima é o caso de dizer que o muito nunca é demasiado. E já agora, antes de encerrar este debate, diremos que o defeito das linhas de Torres Vedras é commum com as de Sacavem.

Se é fraco o flanco esquerdo d'aquellas, não é menos o d'estas, e tanto assim o entenderam os engenheiros portuguezes, que propuzeram como indispensavel a creação de um campo entrincheirado junto á Torre de S. Julião como se toda a defeza de Lisboa não fôra uma grande obra d'esta natureza.

Quem visitar as linhas de Torres Vedras, como ha pouco teve ensejo o auctor d'estas considerações, admira-se que os inglezes não occupassem fortemente as alturas do Varatojo, que são essas, pela sua posição dominante e difficilmente accessivel, a chave de defeza do flanco esquerdo.

Não é esta a occasião azada para individuar todos os pontos, que devem ser occupados e fortificados.

Essa a questão puramente technica, que não é possivel resolver *à priori*, antes necessita de um estudo minucioso e muito detido e demorado nos proprios logares, apezar do excellente trabalho, que nos legou o habil engenheiro inglez John Jones.

Expenderemos, porém, mui rapidamente as nossas ideias, porque, como acima dissemos, visitámos ha pouco, com bastante curiosidade, aquellas historicas linhas.

O que de principio e á primeira vista notámos com entranhado desgosto, foi a construcção da nova estrada, que liga Alhandra com Torres Vedras, passando pela Arruda, Sobral, Dois-Portos e Runa.

Aquella estrada feita e approvada por quem ignorava os mais comezinhos e rudimentares preceitos da arte militar, foi um grave erro entre os muitos de identica natureza, que a cada passo se nos deparam no paiz.

Houve certa época em que a questão da defeza era uma... *caturrice* de fossil *chauvinismo*.

Não olhavam para taes pequices os espiritos superiores.

Por isso lá construiam o caminho de ferro ao longo do Tejo, que do Carregado até Constancia póde ser batido pela artilheria da margem esquerda, que o domina completamente.

Por isso o ramal do norte vae á beira-mar, e do sul caminha parallelamente á fronteira, como dissemos já, sendo que de Valencia de Alcantara parte uma excellente estrada, que permitte facilima invasão.

Pois a estrada, que mencionámos, damnifica consideravelmente a defeza, porque não é bastante enfiada e separa alguns reductos entre si, e sobretudo deixa isolada a posição central do Sobral de Monte-Agraço.

A cordilheira, que incide quasi perpendicularmente sobre o Tejo, junto a Alhandra, é um parapeito natural, escarpado e abrupto, que fórma uma defeza excellente.

Basta reforçar e augmentar os fortes, que lá existem, e artilhal-os convenientemente, para que o flanco direito não possa ser torneado, o que não se conseguiria tão facilmente, ainda com o rio de Sacavem, cuja barra se alarga muito, e cujas margens são baixas, e tem pequeno declive.

Para nós temos, e quizeramos que esta fosse a opinião de todos os que hão de dar voto consultivo sobre a materia; para nós temos que as linhas de Torres Vedras, quaes foram construidas pelo tenente coronel Flechter e apenas com as modificações exigidas pelos aperfeiçoamentos da artilheria e das armas portaveis, são as que mais nos convem para cubrir a capital, tanto de um ataque de surpreza, como de uma serie de manobras estrategicas.

Basta relancear a vista por sobre o mappa da peninsula de Lisboa para concluir a verdade d'este alvitre.

Aproveitar as posições da retaguarda das linhas; construir alguma obra mais simportante perto de Lisboa; reforçar, quanto ser possa, a retaguarda do flanco esquerdo, perto da costa, para evitar desembarque do inimigo; coisas são de si evidentes e intuitivas e de modo algum invalidadas pela occupação das linhas mais avançadas.

Ha ainda outra objecção contra as linhas de Torres Vedras, e é a possibilidade de o inimigo desembarcar nas angras, colhetas e pequenas bahias, que se rasgam na costa desde Peniche até á barra.

Não nos parece de grande ponderação este argumento e este receio.

Em primeiro logar e a despeito da incomparavelmente maior facilidade com que as tropas se transportam e desembarcam, em virtude da nova feição que tomou a arte nautica, as forças que pozessem pé em terra, nas condições sujeitas, nunca haviam de ser muito numerosas, e quaes seriam necessarias para tornear a linha.

A operação de desembarque, mormente em costa brava e fragosa, como a nossa, é assaz difficil e cheia de perigos, que a sciencia mal sabe conjurar ainda.

Em segundo logar, pequenos fortins collocados ao longo da costa, como torres de vigia bastam para evitar taes desembarques.

Mas se a operação correr prospera para o inimigo, apesar dos primeiros obstaculos, devemos nós predispor as coisas de modo tal, que a um signal dado corram os reforços para ponto ameaçado, sem perda de um instante.

Para isso servem o telegrapho electrico, as boas estradas estrategicas e até um caminho de ferro interior, meios excellentes, que multiplicam a força defensiva.

Estes mesmos meios teem immediata applicação á margem direita do Tejo, além da chalupa guarda-costas, com fundo chato, de que já fallamos, porque de tal sorte nunca poderá o inimigo vadear o rio, sem correr grande risco.

Por derradeiro, não julgamos que o desembarque em qualquer ponto da costa seja uma objecção forte, por isso que com immensa facilidade podemos obstar-lhe.

(Jornal do Commercio)

Duas palavras ao «Nacional»

Ás bajulações e rasgados comprimentos, succederam-se as recriminações virolentas e incendiarias.

E' sempre esta a conducta d'aquelles que se enfeudam ás convenienciaes preferirindo-as a um principio superior.

Desgosta o contrista um tal espectaculo, que assim arrasta fatalmente muitos dos nossos publicistas a pronunciarem-se contra toda uma situação ou contra um só dos seus elementos, sem repartir, com a devida imparcialidade, a verdade a cujo é.

Introduzia-se, por desgraça nossa, este vergonhoso costume de passar alternativamente das mais baixas adulações, ás mais grosseiras injurias, e não ha debellal-o, antes progride espantosamente.

Cremos que a folha portuense nunca baixou tanto na escala da injuria descabellada.

E é tão desenfreada a paixão, que o cega, que não o deixa vêr o mal que faz á sociedade, em vez do bem que lhe tinha promettido, e que d'elle havia a esperar. Uma pouca de philosophia basta para conhecer o prejuizo das suas objurgatorias.

Desde que os clamores altrajantes envolvem a verdade, fica-se incerto e hesitando entre o verdadeiro e o falso, e fóra do estado de conhecer a opinião geral do paiz, pois que a verdade é atrozmente desfigurada por exagerações deploraveis.

É sempre uma indignidade transformar assim a imprensa n'uma arena sanguinolenta, em que se combate só com as armas da calumnia ou da prefidia, e cujos combatentes interessados a deturpar o bem, a exagerar o mal, e a mostrar sob uma falsa luz a situação dos seus adversarios, levantam nuvens de pó para cegar os espectadores avidos da verdade.

E' esta uma conducta abominavel. E a imprensa que se presta assim a tão vis papeis, torna-se um opprobrio da humanidade, deshonra as ideias, o leitor, e os typos para tarifar por uma tabella mercenaria tanto a justificação de todos os flagicios, como tambem a calumnia e a deshonra de todas as reputações bem formadas.

E' mau sestro este de converter a penna em estylete, e a imprensa em guilhotina das reputações alheias, e fazer da honra do proximo thema forçado das suas torpes objurgações.

E' o que faz o «Nacional» a respeito do sr. bispo de Vizeu.

E' ao mesmo tempo o insulto levado ao cumulo de mil torpezas, e o sacrilegio nefando!

Vós, que desacatacs assim a auctoridade ecclesiastica e civil, como podereis aconselhar as massas populares á observancia e respeito á lei e poderes constituidos, como é vosso dever? E' por isso que a ideia da auctoridade está hoje tão abatida e desprezada. Grande e tremenda responsabilidade vos pesa.

Arvorastes-vos em operarios da civilisação, em cruzados da ideia e da moralidade, porque o jornal é estrella brilhante que nos conduz para a terra dos mil prodigios do progresso humano; mas esquecestes a vossa nobre missão, deixastes obscurecer a estrella, e no meio das trevas maquinaes a ruina do honesto, do justo e por consequencia da civilisação e da moral.

Quando vimos taes improperios francamente publicados, taes escandalos e excessos, convencemo-nos de que a imprensa é a causa da immoralidade e decadencia, que se observa n'este paiz!

Causa-nos indignação profunda tal procedimento, porque desejando ardentemente a nossa regeneração social, e envidando esforços n'esse sentido, vêmos n'estes excessos um obstaculo ao bem que desejaramos vêr realisado.

Assim descremos da regeneração social. Não é possivel nem realisavel, emquanto assim se semearem germens de discordia.

São estas imposturas do jornalismo, estes furores e paixões, que nos pedem e retardam a expansão da felicidade publica. Nada se edifica com a intriga que produz a scisão, nem com os odios, doestos e perturbações...

Albino Coelho.

Actos Officiaes

Ministerio dos negocios da marinha e ultramar

1.ª DIRECÇÃO

2.ª *Repartição*

DOM LUIZ, etc.

Artigo 1.º E' approvado o contrato celebrado em 19 de novembro de 1867 entre o governo e o doutor Agostinho Vicente Lourenço, para a concessão, durante cincoenta annos, do usufructo das aguas sulphureas do arsenal da marinha.

§ unico. Fica o governo auctorisado para assignar o contracto definitivo com o concessionario, pagando este a prestação annual de 500$000 réis, na fórma da condição 13.ª E não querendo o concessionario assignar, voltará o contrato á praça, e o governo assignará com elle o contrato com a prestação annual de réis 100$000, não havendo quem offereça maior quantia; se porém houver quem lance mais, o governo assignará o contrato definitivo com a pessoa que offerecer maior lanço.

Art. 2.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandâmos portanto, etc.

Dada no paço de Belem, aos 9 de setembro de 1868. = EL-REI, com rubrica e guarda. = *José Maria Latino Coelho.* — Logar do sêllo grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

Contrato celebrado com o dr. Agostinho Vicente Lourenço, para o aproveitamento das aguas sulphureas do arsenal de marinha, em banhos fóra do mesmo arsenal, n'um estabelecimento construido para esse fim

Aos 19 dias do mez de novembro de 1867, no ministerio dos negocios da marinha e ultramar, e gabinete do illm.º e exm.º sr. visconde da Praia Grande de Macau, ministro e secretario d'estado interino dos negocios da marinha e ultramar, estando presente de uma parte o mesmo exm.º sr. ministro, como primeiro outorgante, por parte do governo, e de outra parte o dr. Agostinho Vicente Lourenço, segundo outorgante, assistindo a este acto o concessionario dr. Levy Maria Jordão, ajudante do procurador geral da corôa junto a este ministerio, pelo primeiro e segundo outorgantes foi dito na minha presença e na das testemunhas abaixo mencionadas e assignadas, que concordavam em um contrato para o aproveitamento das aguas sulphureas do arsenal de marinha em banhos fóra do mesmo arsenal n'um estabelecimento construido para esse fim, nos termos das condições abaixo indicadas e se obrigavam a cumprir todas as suas condições e clausulas.

Artigo 1.º O governo concede ao dr. Agostinho Vicente Lourenço, engenheiro civil e professor da escola polytechnica, a empreza de exploração das aguas sulphureas do arsenal de marinha, para serem utilisadas medicinalmente em um estabelecimento apropriado, nos termos declarados no presente contrato.

Art. 2.º Entender-se-ha por emprezario para todos os effeitos, e sempre que tal palavra se empregar n'este contrato, o concessionario primitivo, o dr. Agostinho Vicente Lourenço, ou qualquer outro individuo particular, sociedade ou companhia a quem elle ceda a concessão.

§ unico. A cessão será approvada pelo governo, dando-se n'ella as garantias para a execução d'este contrato.

Art. 3.º A empreza poderá solicitar, segundo a legislação em vigor, as exporpriações indispensaveis para as obras que tiver de fazer, a fim de executar este contrato, as quaes são de utilidade publica.

Art. 4.º A empreza obriga se:

1.º A effectuar á sua custa, por sua conta e risco, nos termos, pelo modo e nos prasos fixados, o estabelecimento especial para os banhos, em que sejam aproveitadas as aguas sulphureas do arsenal, e a que se refere o artigo 1.º

2.º A estabelecer igualmente á sua custa, e por sua conta e risco, as machinas, tubos e outros apparelhos necessarios para levantar as aguas da nascente, conduzil-as ao local dos banhos, e distribuil-as.

3.º A ter prompto a funccionar o mesmo estabelecimento, dentro do praso de um anno da data do contrato, sendo-lhe permittido, antes d'isso, começar a exploração se os trabalhos o permittirem.

4.º A ter os reservatorios, canalisações para vasão e systema de aquecimento das aguas, e ainda outras que forem aconselhadas pela sciencia, a fim de collocar o estabelecimento em condições analogas aos outros de igual natureza.

5.º A ministrar banhos de immersão, além do modo ordinario e sob a fórma de asperções, inhalações, etc., como se pratica nos estabelecimentos analogos da Europa.

6.º A publicar minuciosa descripção scientifica das propriedades physicas, composição chimica, e virtudes curativas da agua sulphurea do arsenal de marinha, indicando tambem as molestias em que ella deve ser applicada, assim como os diversos modos da sua applicação, devendo esse trabalho ser traduzido em algumas linguas estrangeiras, a fim de tornar as aguas mais conhecidas.

Art. 5.º A empreza obriga-se mais a dar banhos sulphureos gratuitamete no estabelecimento:

1.º Aos marinheiros e soldados, quando o uso de taes banhos lhes for indicado pelas respectivas juntas de saude;

2.º Aos doentes pobres dos hospitaes, dos asylos de infancia desvalida e da mendicidade, quando estes banhos forem reclamados pelas respectivas administrações, precedendo indicação dos facultativos d'esses estabelecimentos;

3.º Aos indigentes que necessitarem de taes banhos, e forem pedidos em conformidade ao que se estabelecer em regulamento especial feito de accordo entre o ministerio da marinha e o emprezario.

Art. 6.º A empreza poderá no mesmo estabelecimento dar diversas outras especies de banhos de agua doce, salgada, medicamentosos, artificiaes, etc.

Art. 7.º Fica expressamente declarado que o governo não garante a permanencia das aguas sulphureas do arsenal de marinha, nem as aliena, mas só concede á empreza:

1.º A usufruição, durante cincoenta annos, para os fins indicados n'este contracto, das aguas sulphureas, que actualmente apparecem, ou de futuro, e no referido praso, apparecerem dentro da area occupada pelo arsenal de marinha;

2.º O uso dentro do arsenal de marinha do terreno estrictamente indispensavel, para, sob a inspecção do governo, assentar a machina de vapor e bombas, a que se refere o artigo 4.º

§ unico. No caso de accordo do governo com a empreza, poderá de futuro ser prorogado o praso marcado no n.º 1.º d'este artigo.

Art. 8.º O governo, pelo ministerio da marinha, reserva-se o direito de inspeccionar a localidade destinada para os banhos, todos os trabalhos e obras que se fizerem na mesma localidade, e sem a sua approvação não poderá considerar-se definitiva, nem a escolha da localidade, nem alguma das obras que a empreza tiver de fazer.

Art. 9.º O governo reserva-se igualmente o direito de, pelo ministerio da marinha, fiscalisar a execução do contrato pelo modo que julgar mais conveniente.

Art. 10.º As tarifas dos preços dos banhos sulphureos e da agua sulphurea tomada internamente, assim como da venda d'essa agua, para ser utilisada fóra do estabelecimento, serão submettidas ao governo.

Art. 11.º As questões que possam suscitar-se entre o governo e a empreza sobre a execução do contrato serão decidas por arbitros.

Cada uma das partes nomeará dois, e o presidente do supremo tribunal de justiça um quando for necessario para desempatar.

§ unico. O disposto n'este artigo não tem applicação ao caso do contrato, quando a empreza não comece a funccionar no praso estabelecido no n.º 3.º do artigo 4.º

Art. 12.º A empreza, dentro de dois mezes da data do contrato, entrará em deposito com a quantia de 6:000$000 réis, valor nominal, representado por inscripções de assentamento, para caução do cumprimento d'este contrato, podendo ser levantado desde que a empreza mostrar ter effectivamente empregado nas obras o equivalente em metal.

Art 13.º A empreza pagará réis 500$000 cada anno ao governo pela presente concessão, entregues aos semestres, em metal snante, desde o dia em que o estabelecimento começar a funccionar.

Art. 14.º Findos os cincoenta annos da concessão reverterão para o estado, sem indemnisação alguma, as aguas sulphureas; a machina ou machinas que n'essa epocha o concessionario tiver assentado no arsenal da marinha bem como quaesquer obras que no mesmo local houver feito.

Art. 15.º A empreza obriga-se a ter no estabelecimento a agua commum necessaria para todos os usos nos banhos medicinaes.

Art. 16.º Nos trabalhos para a pesquiza e recolhimento das aguas mineraes a empreza fica sujeita ás leis e regulamentos que regem actualmente ou hajam de se estabelecer em relação ás aguas mineraes do paiz.

Art. 17.º O actual centrato fica dependente da approvação legislativa.

Todos os prasos fixados n'este contrato serão contados da data em que for sanccionado o decreto das côrtes que o approvar.

E com estas condições hão por feito e concluido o dito contrato, ao qual assistiu, como fica declarado, o conselheiro dr. Levy Maria Jordão, ajudante do procurador geral da corôa junto a este ministerio, sendo testemunhas presentes os amanuenses da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar Vicente Elesbão de Campos e Bernardo de Lemos da Fonseca.

E eu Raymundo Maria Jacobetty, sub-chefe da 2.ª repartição da 1.ª direcção da referida secretaria d'estado, em firmeza de tudo, e constar onde convier, fiz escrever, rubriquei e subscrevi o presente termo de contrato, que vão assignar commigo os mencionados outorgantes e mais pessoas já referidas, depois de lhes ser lido. = *Visconde da Praia Grande* = *Dr. Agostinho Vicente Lourenço* = Fui presente, *Dr. Levy M. Jordão* = *Vicente Elesbão de Campos* = *Bernardo de Lemos da Fonseca* = *Raymundo Maria Jacobetty.*

(«Diario» de 26 de setembro.)

Exterior

Hespanha. — Baqueou o throno de Isabel II e deixou de pisar o vasto territorio dos seus dominios. E o movimento que a desthronou está a nosso vêr terminado.

A refrega de Novaliches com Serrano deu-lhe o resultado que se predizia. Com a velocidade do raio se pronunciaram todas as provincias, cidades e povoações.

Madrid mesmo já não tem forças para resistir á onda da liberdade que invadiu os animos co povo e da tropa.

Em 12 dias a revolução de Cadix triumphou d'esse poder que fuzilava aos centenares de liberaes, só porque lhe ardia no peito o desejo de liberdade da sua terra, apontando á rainha o caminho para conservar o seu throno.

Foi surda, não quiz ouvir. Agora lamente-se.

Está findo o primeiro acto.

Deus illumine os hespanhoes e lhes depare um governo philosophico, e todos os partidos ali se unam para formar o porvir da sua patria.

Poderemos esperal-os? Os directo-tores do pronunciamento parece prometterem-n'o; progredirão? Deus o permitta.

— A «Correspondencia Zeidler», de Berlim, diz saber por via fidedigna que, se a França atacar a Prussia, a Inglaterra não hesitará em prestar auxilio de armas e dinheiro a esta ultima potencia.

O «Mémorial diplomatique» diz não ser isto exacto. O gabinete inglez não podia prometter tal auxilio. Se lord Stanley se declarou em Paris pela conservação da paz, não podia deixar de a recommendar com egual persistencia em Berlim. Por outras palavras: o governo inglez tem a convicção de que só póde haver paz se a França e a Prussia seguirem uma politica egualmente moderada.

Ninguem ignora o que se deve entender por estas palavras. Não querem ellas certamente dizer que, na opinião da Inglaterra, a reserva do gabinete das Tulherias deve ir além dos factos ultimados na Alemanha.

— O governo italiano aproveita agora todas as occasiões para declarar que, no caso de complicações na Europa, a Italia se conservará neutral. Isto prova que este paiz deseja occupar-se exclusivamente dos seus negocios internos e colher os beneficios da paz.

Variedades

EXPOSIÇÃO DO HAVRE

O AQUARIO

Vimos já como a ostra se reproduzia e como a senhora Sarah Felix tranquillisára os gulosos fazendo de ama d'estes interessantes molluscos.

Vejamos agora como a ostra faz as perolas.

Ha perolas que ella faz de boa vontade, e outras por obrigação. Como sempre as que faz espontaneamente são mais

bellas e correctas do que as outras, a que se chama perolas informes.

As perolas naturaes encontram-se nos segundos labios da ostra; filtrando o nacar fal-as sem o saber.

Agora saibamos como faz a ostra a perola que fabrica para sua segurança.

Na mesma bacia encontra-se o maior inimigo de todas as bivaldas em geral e da ostra em particular: é o bozio reticulado.

E' elle que, furando a concha da ostra para commetter a feia acção de a comer, obriga esta, para segurança propria, a engrossar a camada de nacar de sua casca no ponto atacado, o que faz por meio de um orgão particular. O tuberculo desligado fórma uma perda adherente.

Depois das ostras seguem-se os molluscos cephalopodes, isto é, que tem pernas na cabeça.

Já sabeis que se trata do *poulpe* de Daubenton e do *pieuvre* de Victor Hugo.

O genio tem o privilegio d'augmentar tudo. O polvo de Victor Hugo é um monstro de que se não póde fazer ideia pela microscopica amostra que encerra o aquario.

Porém os polvos do célebre escriptor nada são á vista dos de Dujardin o «Comedor e e Chupador», de que se acham vestigios nos terrenos antigos.

Se julgarmos por seus bicos, ou extremidades da canda, estes formidaves polvos, tinham tentaculos de 25 ou 30 pés de comprido.

Similhante monstro era capaz de enlaçar, suffocar e chupar um elephante, dentro em meia hora.

E, para não irmos mais longe, abramos o «Mar», de Michelet, livro tamanho como o proprio oceano, e elle vos dirá que os antigos navegantes encontraram um polvo gigante que subira ao convez do navio, e que d'ahi, abraçando com seus prodigiosos braços os mastros e as cordas, ameaçava embargar o navio e devorar os homens, se se não cortassem, a machados, os seus braços multiplos, o que o obrigou a cair ao mar!

Denis de Montfort, pela sua parte affirma ter visto um enorme *poulpe* bater com os seus açoutes electricos, enlaçar e suffocar um cão grande, apesar das mordeduras, dos esforços e dos uivos de dor do animal.

Raug affirma que nos mares do sul vira um do tamanho de um tonel.

Peron diz que nos mesmos mares encontrou um, que rolava, roncando, nas vagas, e, com uma cabeça de Meduza, desenrolava serpentes de seis ou sete pés de comprimento.

O que eram esses formidaveis kraken, que espantavam todos os navegantes da edade média, que viram nos mares do norte uma ilha fluctuante de meia legua de circumferencia, com braços movediços com duzentos pés de comprido? *poulpes* gigantescos capazes de suffocar uma baleia.

Os nossos polvos actuaes são menos medonhos tornam-se muito communs no Mediterraneo, e atacam algumas vezes ao homem, dando-lhe uma chicotada.

O tentaculo fica adherente ao sitio onde bateu.

Um dia vi dois garotos nadar na costa d'Aubagne.

— Olé! estou agarrado por um polvo, gritou um d'elles.

— Vira-o, respondeu-lhe o outro.

E o primeiro mergulhou, virou o polvo como uma luva, e reappareceu á superficie da agua, triumphante com o polvo na mão.

Em Napoles são muito communs e o povo come-os. Depois de os ter cortado em bocados, fritam-n'os. Têem o gosto de orelha de vacca frita.

Na mesma bacia vêem-se as sibas e as lulas.

E' a siba que, com o apparelho vertebral incompleto, fornece aos passaros um osso oblongo e concavo no qual elles aguçam o bico, e aos pintores a *seppia*, ou tinta da China, com que elles fazem os contornos.

A lula, é uma especie de siba, a que os italianos chamam *calamajo*, que quer dizer inteiro.

A siba tem olhos azues, e o corpo muda de côr, segundo as commoções que o animal experimenta: passa do azul saphira ao verde esmeralda, amarellece e empallidece n'alguns segundos quando é perseguida e teme um perigo, e lança fóra a tinta com grande desespero do sr. Lennier, que é obrigado a mudar a agua da bacia.

E' principalmente no aquario que se póde notar a mudança de côr da siba.

Ha tres d'estes molluscos na mesma bacia, dois grandes e um pequeno. Os grandes são um macho e uma femea, e o pequeno é tambem macho.

As duas sibas grandes juntaram-se, deixando ao pequeno macho celibatario. Este casamento fez dois desgraçados: o pobre do celibatario que morre de pezar, ao vêr a felicidade conjugal do outro macho; e o esposo que arde em ciumes vendo os esforços que o celibatario faz para agradar a sua mulher, da qual conseguiu ser amado por meio de cuidados, d'attenções e até de dedicação.

O marido encolerisa-se duas ou tres vezes por dia, e então torna-se verde, lança-se sobre o rival, agarra-o com os seus compridos braços, e dá-lhe uma grande sova. O pequeno vae occultar-se nos rochedos, d'onde sae a medo, uma ou duas horas depois da tosa, e vae dar d'olho á sua cara siba.

Que bello exemplo para a humanidade e para as mulheres, que deveriam estudar este amante modelo, que nem peixe é, é apenas um mollusco!

Confesso que deixei com custo as sibas para passar aos peixes vertebrados, que são comtudo quando nos queremos dar ao trabalho de os estudar, um dos milagres da natureza.

O peixe é o verdadeiro filho do mar; — polypos, estrellas, crustaceos e molluscos não passam de bastardos.

Um dia, com grande admiração sua, viram apparecer uma creatura livre, escorregadissa, fluida que corria como a onda — sem pescoço, como o crustaceo, — que batia com a cauda para poder andar, e passava como uma flecha, como um raio.

Era o typo do movimento.

O passaro tem necessidade de repousar, e sóbe a um ramo para dormir; o peixe nunca pára, dorme caminhando.

Todos os animaes têem limites que lhes impõe o frio. No monte Cenis, onde a vida parece ter cessado ha muito, por cima do qual paira, mas não pernoita, a aguia, ha um lago, n'este lago existem excellentes trutas. D'onde saem os arenques? dos gelos do polo: para onde fogem as baleias timidas? para os bancos deshabitados até de ursos brancos.

As duas bacias seguintes são destinadas aos peixes de agua doce: tencas, carpas, mugens, douradas e enguias.

Parece-me ouvir já os pescadores do rio, muito maus naturalistas, perguntarem-me d'onde veem as enguias e como se reproduzem.

Ide á subida do Orne e vereis d'onde ellas veem: veem para o centro da França, — aos milhões, aos milhões de milhões; pescam-nas com cestos, e comem-nas fritas.

Agora falta saber se a enguia é vivipera ou ovipara? E' ambas as cousas: privae-as da agua e produzirão filhos vivos, dae-lhes agua e porão ovos.

E' mau que nenhuma lei de pesca prohiba a destruição das enguias, no mez de maio.

As tres ou quatro enguias das bacias vieram do estabelecimento de piscicultura do sr. Nicole.

A enguia obriga-nos naturalmente a fallar dos congros, os congros dos cães marinhos, e estes dos tubarões.

O congro, que é da grossura d'uma coixa, e mede de oito a nove pés de comprido, é um dos maiores destruidores de peixe depois do estorião e do tubarão.

O cão marinho, que está na mesma bacia do congro, é o retrato vivo, mas em miniatura, do tubarão. O cão marinho não excede um metro, emquanto que o tubarão attinge tres e quatro, e o estorião dois e meio ou tres quando muito.

O maior que vi entre o Oural e o Volga não excedia nove pés; ao passo que agarramos um tubarão nas costas d'Africa, que tinha mais de tres metros e meio.

Como o agarramos?

E' tão simples, que sempre hesitei em contal-o: seguia-nos havia trez dias, apesar de não levarmos ninguem doente, mas comia tudo o que se atirava de bordo.

Eu queria que experimentassemos se o poderiamos agarrar, porém o capitão affirmava que não seriamos capazes de o içar para bordo, e que nos exporiamos a graves accidentes se empregassemos o methodo ordinario.

Queria matal-o a tiro d'espingarda, mas elle nunca saia fóra d'agua, á superficie da qual apenas se via a barbatana dorsal, de sorte que eu não lhe podia metter uma bala n'um olho, ou n'outro qualquer sitio vulneravel.

Um grego que transportavamos a Chypre offereceu-se então para o matar a punhal, para o que me pediu a permissão de se servir d'um de meus punhaes do Khorassam que fendem a um *foulard* no ar.

Despiu-se, mandou atar o punhal á mão e mergulhou a distancia de dois metros do tubarão e logo em seguida appareceu trez metros atraz do peixe, affastando-se a toda a pressa.

— Então?! — gritei-lhe eu.

— Está prompto — respondeu elle.

E com effeito, o tubarão que ficara um instante detido pela dôr, começou a debater-se, a virar-se sobre si mesmo a açoutar a agua com a cauda, que se tingia de sangue.

O grego, mergulando debaixo do monstro, tinha-lhe aberto o ventre em toda a extensão, e, dando uma grande volta, chegou ao barco e entrou para bordo.

Pozemo-nos á capa. A agonia do peixe durou mais de uma hora.

Conseguimos passar-lhe dois nós, um na cabeça e outro na cauda, e içal-o para dentro do navio.

O cosinheiro guisou o coração; porém nenhum de nós pôde engulir um bocado.

Duas horas depois do animal estar morto, pelo menos na apparencia, na occasião em que ia para a cassarola, o coração batia ainda.

(Jornal do Havre.)

A. Dumas.

Noticiario

Novas. — Lê-se no *Diario de Noticias*:

— E' esperado em Lisboa por todo este mez o sr. conde de Lavradio.

— O sr. ministro do reino, sabendo que alguns empregados do seu ministerio não compareciam ás horas marcadas pelo regulamento da secretaria, ordenou que de hoje em diante os srs. directores geraes tomassem nota dos seus empregados que não comparecessem, e lhe dessem parte, para os punir com a perda de vencimento.

— O correspondente em Pariz do *Times* tem de ordenado 15 contos de réis, o mesmo que ganha um embaixador. Em sua casa ha sempre uma grande mesa coberta de doce, e esta despeza é paga separadamente pela empresa do jornal.

— Regressou de França o sr. conselheiro A. R. Sampaio.

— Hontem devia ser assignada, pelos respectivos plenipotenciarios, o ministro dos negocios estrangeiros, e o ministro italiano, o sr. marquez d'Oldoini, a convenção consular concluida entre Portugal e o reino d'Italia.

— Em Cuba foram presos uns chinezes que furtavam creanças para as matar.

— Deve brevemente chegar a Lisboa, vindo do Oriente, um cavallo offerecido a El-Rei por um pachá. O cavallo é da mais fina raça arabe.

— O governo francez offereceu ao nosso uma collecção completa de moedas de ouro, prata e cobre do actual imperio.

— N'uma feira que houve em Boa Vista, concelho de Cêa, espalhou-se o boato de uma proxima invasão hespanhola. Isto indignou por tal modo o povo, que em massa se dirigiu todo, tomado do mais ardente patriotismo, ao sr. administrador, a quem pediram armas bradando que se lh'as não déssem, as suas foices e chuços ainda serviam no ultimo caso. A auctoridade conseguiu, não sem alguma difficuldade, tranquilisar os animos e certificar a falsidade do boato. Conta o caso uma folha portuense.

No Mexico foi suffocada a insurreição de Puebla. Os generaes Lucas e Bonilla renderam-se á discrição. Outros se submetteram. Os que tentaram contra a vida de Juarez foram desterrados.

— Sua magestade a Rainha continua a passar mais alliviada de seus soffrimentos.

— A commissão da exposição universal de Pariz de 1867 mandou cunhar medalhas commemorativas d'aquelle certamen da industria e artes das nações. Sabemos que uma d'essas medalhas de ouro foi offerecida a El-Rei o sr. D. Luiz, e que, além d'esta, outras medalhas de prata e de cobre foram enviadas a alguns personagens do nosso paiz.

— E' tal a abundancia de vinho em Arganil que se tem vendido a rasão de 45 réis a canada.

— O governo portuguez tambem offereceu ao governo francez uma collecção das nossas moedas de ouro, prata e cobre.

— Segundo um telegramma do Porto começou alli hontem (1.º do corrente) como em Lisboa o uso das novas medidas de capacidade, sem resistencia. Na feira de S. Miguel já se vendiam as nozes a peso.

— Durante o anno de 1866, na provincia de Madrasta, India, morreram 1:890 pessoas, mordidas por serpentes.

— Vê-se por um relatorio que em 1856 já existiam em Inglaterra e Irlanda 3:382 leguas de caminho de ferro, distancia superior á dos cinco principaes rios da Europa sommada.

Os *rails* assentes chegarim para circular o globo terrestre.

Custaram aquellas construcções tres mil duzentos dezesete e meio milhões de cruzados: comma correspondente á terça parte da divida nacional ingleza.

Compunha-se o material de exploração de 5:000 machinas e 150:000 carruagens. Collocadas as machinas em linha recta abrangeriam 10 leguas de extensão, e as carruagens 154 leguas, pouco mais ou menos.

As machinas queimavam 4 toneladas de carvão por minuto para reduzir a vapor 20 toneis de agua: quantidade sufficiente para abastecer uma cidade não pequena.

A porção de carvão consumido era egual á exportação annual da Inglaterra, e ainda assim só a metade do consumo de Londres.

Empregavam-se annualmente na conservação e reparos d'aquellas vias ferreas 20:000 toneladas de ferro, e 26 milhões de travessas de madeira correspondentes a 300:000 arvores.

Andavam empregados nas diversas empresas 130:000 homens; se se juntar a este numero as familias d'elles, teremos pelo minimo 500:000 pessoas; quasi a quinta parte da população da Grã-Bretanha.

Excedia a 225 milhões de cruzados a receita annual das vias ferreas: somma quase egual a metade da receita publica de Inglaterra.

Quanto póde a iniciativa da intelligencia, do trabalho e do capital enlaçados no mesmo proposito! *E. de C.*

— Ha seis dias foi enforcado na alta Vienna o criminoso Cledassou.

— O regimento de D. Isabel II ficou-se chamando regimento da liberdade.

— No parque de artilheria da praça de Valencia, já se acham quarenta peças de artilheria de aço, das duzentas que o governo de Madrid comprára no estrangeiro, para o exercito hespanhol.

— Sua Magestade a Rainha tem continuado a experimentar allivios nos seus dolorosos padecimentos, não havendo razão para os boatos que hontem se espalharam na cidade de que S. M. peiorára.

Dados estatisticos. — Publica o mesmo jornal os seguintes:

«Habitam a terra 1:288 milhões de individuos. Fallam-se 3:642 linguas differentes e professam-se 1:000 religiões diversas.

Regula a mortalidade annual por 31.622:433, correspondente a 86:411 obitos por dia, ou 3:603 por hora ou 60 por minuto.

D'esta forma cada pulsação do homem marca a morte de uma creatura humana.

Um numero proporcional de nascimentos compensa esta perda.

E' de 33 annos a media da duração humana.

Uma quarta parte da população morre antes dos 7 annos, outra antes dos 17.

De 10:000 pessoas só uma chega á idade de 100 annos, uma por cem á de 90, e uma por cem á de 60.

Os homens casados vivem mais tempo que os celibatarios:

De 1:000 pessoas casam-se 65. Os mezes em que é maior o numero de casamentos são junho e dezembro.

Só a oitava parte da população é apta para o serviço militar.

Teem grande influencia na longevidade as profissões.

De 1:000 individuos chegam a 70 annos, 42 padres, 40 lavradores, 33 negociantes e artistas, 32 soldados e empregados, 29 advogados e engenheiros, 27 professores e 24 medicos.

Os medicos que passam a vida a prolongar a dos seus similhantes são os que morrem mais cedo.

Existem: 335 milhões de christãos, 5 milhões d'israelitas, 60 milhões das religiões asiaticas, 160 milhões de mahometanos, 200 milhões de pagãos.

Dos christãos 170 milhões professam a religião catholica, 85 milhões as doutrinas gregas e 80 milhões a doutrina protestante. — E. de C.

Incendio no mar. — Sob esta epigraphe diz o mesmo jornal o seguinte:

«Uma correspondencia de Messina narra do seguinte modo um grande sinistro succedido no Cabo de Gatta: O *Harmonia do Sado* saira de Setubal em direcção a Portvendres; no dia 12 ás 9 e 45 minutos da manhã achava-se 20 minhas a SSO do Cabo de Gatta, o vento soprava rijo e o hiate singrava as aguas do mediterraneo que abriam o seio espumoso e crystalino ao dorso da pequena embarcação. Repentinamente ouviu-se um grito a bordo: «Fogo, fogo.» Olharam todos. Uma columna de fumo vinda da escotilha, envolveu no mesmo instante a tripulação do *Harmonia do Sado*, que se compunha de oito homens, incluindo o capitão. Dissipado o fumo, as chammas subiram ao ar; linguas de fogo cobriram a coberta do barco, e o estalar da madeira começava a fazer ouvir o seu ruido pavoroso e ameaçador. Todos os esforços eram innuteis nesta desesperada situação. A tripulação juntou-se toda em roda do gurupéz do navio, esperando alli meio suffocada ja pelo fumo a ultima hora da sua vida, cuja agonia tremenda lhes era anticipada pelos horrores d'aquella scena.

N'este extremo appareceu-lhes um auxilio imprevisto. Um vapor e um hiate atrahidos pelo clarão das chammas vinham em seu soccorro. Não esperaram um momento mais. Lançaram-se ao mar e nadaram para as lanchas que do vapor se haviam arreado para as receber. D'alli foram conduzidos para Messina, e ahi tiveram de pedir esmolla porque chegaram sem outra coisa mais do que alguns andrajos com que cobriam o corpo, mortos de fome e cansaço.

Parece que o vice-consul portuguez officiara ao governo para saber se devia ou não soccorrel-os. O *Harmonia do Sado* foi completamente pasto das chammas. Não se sabe se estava seguro nem a pessoa a quem era consignado o importe do carregamento de cortiça que levava.

Revista de modas. — Lê-se na *Correspondencia de Portugal*:

«*Pariz 25 de setembro* — Quando aos grandes calores do verão, succedem as frescas manhãs do outono, começam as nossas modistas a tratar das toilettes do inverno para que ás nossas damas elegantes não soffram a mais pequena demora nas suas encommendas. Já se estão pois preparando alguns costumes em velludo preto e de outras cores, guarnecidos de pelles.

As toques em velludo preto tambem guarnecidas de pelles serão muito usadas. Para toilette de outono o mais usado é o tafetá preto; vêem-se algumas d'estas toilettes compostas de duas saias, sendo uma de côr viva, ou azul, ou violeta, ou mesmo vermelha, e outra de tafetá preto, mantelete ou de tafetá, ou de cachemira, guarnecido com folhos de tafetá. Outras, e de todas as mais simples, e quanto a mim mais bonitas, teem uma saia só, com um folho alto em baixo e acima d'este folho rolos de setim preto, cinto, com pontas atraz guarnecido de setim, mantelete ou casaco com a mesma guarnição. Os folhos usam-se muito tanto para os vestidos como para os manteletes; as ruches egualmente são muito usadas, assim como as franjas e a guipur preta e branca. Os vestidos de renda, que só eram reservados para toilette de baile, teem-se aventurado este anno a apparecer á luz do dia, sendo a saia apanhada com laços de fita, como se usava na côrte de Luiz XV. Nunca a renda foi tão usada como tem sido este anno, mesmo para guarnições dos vestidos. Os vestidos pretos transparentes, usados sobre um outro de séda de côr viva tambem são muito usados, e parece que se prolongarão para as soirées d'este inverno; estes vestidos são ou de gaze, de seda preta ou de grenadina, usados sobre um outro de seda, ou malva, ou azul, ou finalmente da côr que se quizer.

Um d'estes vestidos que vi e achei de bello effeito era a saia de baixo de tafetá azul, tendo por guarnição dois folhos, e a de cima tres viez de setim azul, vestido de cima de gaze de seda preta guarnecido com viez de setim azul, e apanhado aos lados com laços de setim azul; corpo e mangas de tafetá, e fichu de gaze, enfeitado com viez de setim.

Um outro tambem bonito, era de tafetá violeta claro coberto com um vestido de renda de Chantilly, levantada a saia atraz com laços de setim violeta, corpo degotado á virgem; fichu e mangas de renda.

As toilettes de mosseline teem sido e são ainda muito moda para as pequenas reuniões, que as nossas damas frequentam durante a sua estada nos banhos; algumas d'estas toilettes são lindissimas, e despidas de toda a riqueza e sumptuosidade das toilettes de inverno, pois que as ricas joias e perolas cederam o logar ás ffôres e fitas. Uma d'estas toilettes, que prenderam a minha attenção, era de mosseline branca, a primeira saia de cauda tinha em baixo um folho alto, e acima d'este folho tres tufos de mousseline, segunda saia graciosamente levantada aos lados por um tufo de rosas. Mangas curtas formadas por um tufo; corpo degotado, tendo uma berthe em tufos, e entre elles pequeninas rosas. Um outro tambem muito bonito, era de mousseline branca, saia redonda, tendo em baixo um folho alto, e acima d'este folho um largo entremeio de renda, tendo por baixo uma fita côr de rosa; um entremeio egual com renda a um dos lados, formava avental na frente da saia até ao folho. Corpo muito degotado, completando-o um entremeio de renda com fita; cinto de fita côr de rosa com largas pontas atraz.

Ainda não ha muito tempo, que era considerado de mau gosto o usarem-se joias de dia e no campo, hoje porém é o contrario, e para o complemento de uma toilette, é preciso um collar, brincos e broche, devendo ser estas joias de uma grande simplicidade. Algumas damas preferem, em logar de collar de oiro, uma fita de velludo com uma cruz ou medalha pendente.

Quanto aos chapeus ha uma variedade immensa, predominando por emquanto os de tulle, e de palha; vi um bonito de tulle de seda azul ornado com plumas brancas, e grande echarpe de tulle. Vêem-se muitos de tulle preto adornados com rosas ou outra qualquer flôr.

Vamos agora descrever algumas toilettes das que nos parecem mais dignas de menção.

1.ª toilette — Vestido de tafetá maly, tendo a saia em baixo um folho alto do mesmo tafetá, e acima d'este folho um outro de renda. Corpo subido e mangas estreitas, guarnecidas em baixo de renda. Mantelete de renda cruzando na frente, e as pontas caidas atraz. Chapeu de renda preta.

2.ª toilette — Vestido de foulard gris, primeira saia tendo em baixo um folho alto, e acima trez de setim preto, segunda saia tendo por guarnição uma franja de seda preta e acima trez viez de setim; esta saia é apanhada aos lados, e atraz por laços de setim preto. Corpo subido enfeitado com trez viez de setim que saem da cintura, na frente dão volta aos hombros e vão prender atraz com o cinto. Cinto redondo na frente, pontas e laço atraz. Chapeu de palha, com rosas.

3.ª toilette — Primeira saia de foulard com listas violetas e branco, corpo egual degotado formando quadrado nas costas, e adiante aberto até á cintura onde fecha, pequena basque egual, tudo guarnecido com uma ruche de setim. Segunda saia em foulard violeta com pontas atraz. Chapeu de palha redondo, tendo em volta uma echarpe de tulle.

Au revoir. = *Marie duval.*»

Novos commendadores. — Acabam de ser agraciados com a commenda da Conceição os srs. Antonio José Fer-

nandes Guimarães e Justino José Fernandes.

Estes cavalheiros, diz o esclarecido correspondente de Lisboa do *Commercio do Porto*, mereceram esta prova da real munificencia, pelo importante serviço que prestaram á instrucção, fazendo ambos um donativo de 4:500$000 de réis.

Esta quantia é assim dividida: — Para uma escola modelo, que se deve estabelecer em Lisboa, a quantia de 2:500$ réis. Para esta escola deve o governo dar egual quantia á dos doadores, e camara municipal ha de dar o que faltar. Se a camara de Lisboa não quizer acceitar o encargo, o governo offerecerá os donativos á do Porto, e caso esta tambem não o queira, será offerecido á cabeça de qualquer outro districto. Esta escola terá quatro aulas e o edificio possuirá as convenientes accommodações, de modo que os quatro professores possam residir na mesma escola: 1:000$000 réis para uma escola em S. Martinho de Gondomar (naturalidade de um dos doadores) no concelho de Guimarães; 500$000 réis para uma escola em S. Thiago de Lordello, do mesmo concelho; e mais 500$000 réis para outra escola, no local que o governo escolher.

Os 4:500$000 réis com que concorrem os dois novos commendadores vão ser depositados em um banco, á disposição do governo.

Nomeação. — Acaba de ser nomeado juiz de direito da comarca de Taboa o nosso patricio e amigo o sr. Manuel Celestino Emygdio.

Parece estar destinada ao nosso amigo a honrosa, mas espinhosa, missão de homologar, quando justa, a decisão dos juizes de facto no crime de que João Brandão é accusado.

A nomeação do sr. Celestino não podia ser mais azada, estando, como se diz, aquelle sicario das duas Beiras prestes a subir a julgamento.

S. s.ª deu sempre, como digno agente do ministerio publico, exuberantes provas da sua inflexibilidade para com os infractores das leis.

Estamos certos de que, como julgador, não quererá de forma alguma desmerecer do optimo conceito em que é tido.

Por isso entendemos desnecessario encarecer-lhe a gravidade e importancia da causa, que vae ter logar nas proximas audiencias geraes na comarca de Taboa, para onde está nomeado.

Temos uma viva e firme convicção de que s. s.ª, nem accederá aos rogos e supplicas dos protectores dos cicarios, nem trepidará diante das ameaças e terror dos autores dos assassinatos do seu ex-collega Nicolau Baptista, Ferreiro de Varzea, padre Portugal e d'outras milhares de victimas.

Por esta occasião endereçamos os nossos sinceros e profundos emboras ao ex.mº ministro da justiça pela sua acertada nomeação; ao nosso amigo pelo elevado cargo com que acaba de ser agraciado; e aos habitantes da comarca de Taboa pelo optimo magistrado, que vão gozar. *

A horda Brandonica.—Os sicarios das duas Beiras continuam na sua infernal senda!

Ha poucos dias hia um creado do nosso sympathico e apreciavel amigo, exm.º visconde de Almeidinha, da villa de Mangualde para a sua casa do mesmo titulo; e eis que d'improviso é assaltado no meio do caminho por dois d'aquelles scelerados embuçados e de clavinas em punho!

Sendo já de noite e o creado fosse no cavallo, em que s. ex.ª costumava andar ali montado, convencidos de que era aquelle, a quem desejam assassinar, lançou um mãos ás redeas e outro accendeu um phosphoro, para melhor averiguarem; reconhecendo, porém, que não era o nobre visconde, deixaram felizmente passar o creado são e salvo, á excepção d'umas arrogantes e atrevidas perguntas, que encheram de pavôr o creado.

Não passaram aqui as gentilezas dos criminosos homisiados, socios do famigerado João Brandão.

Frustradas assim as suas primeiras tentativas, machinaram outras, acoitando-se para tal fim, por aquelles sitios.

Dias depois, como vissem que aquelle nosso amigo se precatára, sahindo menos vezes passear do que até ali costumava, assaltaram um outro creado, que de Almeidinha hia para Mangualde, fazendo-lhe insolitas perguntas.

A' vista de tudo isto e dos avizos, que s. ex.ª tinha de varios amigos para se precaver, fez o que a prodencia aconselhava, requesitando força armada ao quartel general de Vizeu, a que sendo-lhe promptamente facultada, o acompanhou e a toda a sua exm.ª familia desde Almeidinha até Santa Comba, chegando hontem a esta cidade no comboyo mixto das 5 horas da tarde.

Que s. ex.ª havia requesitado força armada sabia-se aqui ha dias; e um gaiato, doelista pôdre em perspectiva, teve o *bom senso* de censurar o que a prodencia aconselhava!...

Aos exm.os ministros do reino e justiça, aos srs. governadores civis de Vizeu e Coimbra e a todos os seus sub-delegados de confiança, pedimos, em nome da ordem e tranquilidade publica, em nome dos direitos da vida e propriedade dos cidadãos, em nome, emfim, da moral, da justiça e da lei, altamente aggravadas e offendidas, a prompta e immediata captura dos cicarios homisiados da Beira, socios do assás conhecido João Victor da Silva Brandão.

Eis o que a respeito das tentativas d'aquella horda contra o nobre visconde de Almeidinha diz o nosso illustre collega *Jornal de Vizeu*: *

«O sr. visconde de Almeidinha mandou pedir a este quartel general uma escolta de cavallaria para o acompanhar até Aveiro.

Teme o nobre visconde ser atacado no caminho pelos assassinos do padre Portugal, e por isso pediu força publica, que o pozesse a salvo de emboscadas!

Diz-se que o receio de s. ex.ª procedêra de ter sido assaltado por homens mascarados um dos seus familiares, que pela estatura e por ir montado no cavallo, em que anda o visconde, o tomaram pelo amo, em caminho de Almeidinha para Mangualde.

E quem seriam os mascarados, que vieram de carabinas em pontaria reconhecer o creado, que deixaram passar incolume depois de persuadidos que não era o visconde? Não o sabemos dizer.

O visconde suspeita que fossem os assassinos do seu procurador; e como estes percorrem a provincia, não é muito que se quizessem desfazer d'aquelle, que tem pugnado para que não fique impune a perversidade do homicidio e roubo por elles perpetrado.

E podia ser d'outrem a espera? Não é crivel. Todos sabem o tradiccional respeito, que os povos da provincia consagram ao cavalheiro, que por nenhum modo tem desmerecido a estima e bom nome dos seus antepassados: portanto, feita a elle a espera, esta só podia ser tentada, por quem elle suspeita.

Mas ponham-se de parte mais commentarios, e seja primeiro que tudo interrogado o visconde.

O seu depoimento n'este caso é-nos indispensavel, pois que prova a impossibilidade, em que os jurados estão de julgarem com independencia e sem temor a João Brandão.

Se os coréos d'este no crime do assassinio do padre Portugal andaram em liberdade pelos povos visinhos da comarca; se tão ousados são, que tentem procurar a propria pessoa do visconde de Almeidinha, não é muito que todos os jurados temam as vindictas d'elles, quando se recusem a absolvêl-o.

Portanto, pedimos aos srs. ministro do reino e da justiça, que dêem providencias, como tal caso pede; já para que a policia cumpra o seu dever, não deixando andar á solta os malfeitores; e tambem para que a justiça não seja dictada por estes, que amedrontam o pessoal dos tribunaes.

Justiça e moralidade é um dos motes do governo; preciso é portanto que os povos da Beira a observem em sua segurança e inviolabilidade.»

Contra-representação. — Alguns individuos mais respeitaveis e proprietarios de muitos terrenos proximos e confinantes com o caminho de ferro — em numero de oitenta e seis — entre elles os srs. prior da Oliveirinha, seu coadjutor e respectivo regedor, os srs. Padres Netto e Mello da Povoa de Vallado, e o sr. Anacleto Mendes Leal, da Quinta do Picado, dirigiram ao sr. Lobo d'Avila, chefe de secção no caminho de ferro do norte, uma verdadeira representação, que foi ás mãos de s. s.ª no domingo p. p., na qual lhe pediam se informasse bem a respeito da representação menos verdadeira que lhe tinham enviado uns poucos individuos de nenhuma importancia e á qual nos referimos no numero de sexta-feira ultima deste jornal, e que, informado bem da verdade, conservasse no seu logar de guarda na passagem das Quintãs a inoffensiva guarda Rosa d'Almeida, que tão bem e fielmente cumpre com os seus deveres, do que s. s.ª está bem orientado.

Consta-nos que o sr. Avila é bastante justiceiro e que deseja não tirar o pão a quem d'elle tanto carece — como são Rosa d'Almeida, seu marido e filhos impuberes; e por isso cremos que despresando esta infundada e capciosa representação, ha de s. s.ª, fazer a justiça de expulsar do serviço de sua secção esses falsos denunciantes, para castigo d'elles, e repellir esses pedidos infamantes, que tanto valor dão á pessoa contra quem se ouza pedir, quanto desacreditam e deprimem quem os faz. **

Crime. — Na comarca d'Anadia acha-se pronunciado, sem fiança, por ter passado um attestado falso, o parocho de uma das respectivas freguezias pertencente ao bispado de Coimbra.

O *innocente* padre cahiu na *esparrella* para livrar do recrutamento para o exercito um filho ou parente de um eleitor! Negocio de eleições...

Segundo nos informam o pobre padre teve de evadir-se.

Começam agora a apparecer os bonitos effeitos das ultimas eleições no circulo d'Anadia, os quaes hão de dar muito que fallar. **

Reinado em Hespanha. — A rainha D. Maria Isabel II Luiza a que a revolução acaba de arrebatar o sceptro de Hespanha, obrigando-a a ir procurar azylo em França, nasceu a 10 de outubro de 1830. E' filha do rei Fernando VII, e da rainha D. Maria Christina Fernanda, que hoje conta 60 annos.

Succedeu, sob tutela, a seu pae a 29 de setembro de 1833 em virtude da ordem da successão, confirmada pelo decreto de 29 de março de 1830.

Foi proclamada rainha em Madrid a 2 de outubro de 1833, e declarada maior pelas côrtes a 8 de novembro de 1842.

Casou a 10 de outubro de 1846 com seu primo germano o infante de Hespanha D. Francisco de Assis Maria Fernando, nascido a 13 de maio de 1822.

D'este consorcio ha os seguintes filhos: a infanta D. Maria Isabel, o infante D. Affonso, principe das Asturias, a infanta D. Maria del Pilar, a infanta D. Maria de la Paz, e a infanta D. Maria Eulalia.

Desde que D. Isabel foi proclamada rainha em Madrid até que a actual revolução ali soltou o grito de: abaixo os Bourbos! mediaram 35 annos menos dois dias, que tantos foram os que D. Isabel reinou.

Correio de Lisboa

Outubro, 5

Ainda é a revolução de Hespanha e por bastante tempo o será ainda, o facto que na actualidade prende a attenção publica, dentro, fora d'aquelle paiz. Começaremos pois informando os nossos leitores das peripecias principaes que n'ella tem havido, se bem que tudo se podia resumir nas palavras = o reinado d'Isabel II passou para o dominio da historia no curto espaço de 10 dias.

A revolução em Madrid no dia 29 é que foi por assim dizer o epilogo da 1.ª parte do drama que se representa no reino visinho. A revolta da capital fez conhecer a Isabel II que o seu governo era detestado até por aquelles que mais perto d'ella viviam.

«O povo de Madrid deu no dia 29 um espectaculo grande e nobre, que o honra e exalta. O seu enthusiasmo pelo triumpho da revolução foi muito vivo, e manifestou-o por differentes modos: enchendo as ruas, prorompendo em vivas á liberdade e aos generaes victoriosos, em acclamações á soberania da nação e de «Abaixo os Bourbons!» mas nem um só grito de vingança, nem um acto de violencia, nem uma ameaça. Vimos as auctoridades do governo derribado percorrendo tranquillamente as ruas, sem serem objecto da mais leve demonstração: as pessoas tem sido respeitadas como as propriedades e até mesmo as opiniões, porque em honra da verdade cumpre dizer-se que não se notou o mais leve symptoma de coacção, nem material nem moral.

O povo poz n'essa tarde em liberdade os presos politicos que estavam em S. Francisco, e levou-os em triumdho pelas ruas até á Porta do Sol. Entre ellas achavam-se o popular escriptor D. Manuel del Palacio e varios officiaes e sargentos. Esta manhã haviam já sahido D. Amable Escalante e o capitão Soto.

As armas reaes foram supprimidas em todos os estabelecimentos e edificios onde existiam. No convento de freiras da rua de Alcalá foram arrancadas as corôas, destruida a figura de D. Francisco de Bourbon e deitadas abaixo as lettras que recordavam a epocha da restauração do edificio.»

Do mesmo modo as denominações de ruas, praças, estabelecimentos publicos e particulares que se referiam ás pessoas reaes, foram substituidas por outras recordando os factos do dia, ou os personagens principaes que os praticaram.

A aversão pois do povo de Madrid á familia real decaida é tal, que nem d'ella quer ter o menor motivo de lembrança.

No combate que se deu na ponte de Alcolea junto a Cordova entre as tropas de Serrano e Novaliches, este ficou gravemente ferido. Um estilhaço de granada levou-lhe parte do rosto, da lingua, e da cabeça, em consequencia do que falleceu. Foi o ultimo general das tropas de Isabel II. Morreu com a causa que defendia.

Foi nomeado director da Academia Politechnica d'esta cidade o sr. dr. José Pereira da Costa Cardoso, lente substituto da faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra, e que ha alguns annos está regendo uma das cadeiras de mathematica na Politechnica do Porto.

Do presidio de Lourenço Marques são pessimas as noticias. Os regulos visinhos, com forças muito consideraveis atacaram a pequena fortaleza que ali temos, e por trez vezes foram heroicamente repelidos pelas nossas forças, auxiliadas valiosamente pelos moradores e pelos negros armados.

Attribuem geralmente o não se ter perdido aquelle presidio, á valentia do actual governador d'alli, o major Simas.

Estavam a partir reforços de gente e material de guerra.

Sempre se verificou a transferencia do sr. D. João da Camara, governador civil de Coimbra para Santarem.

O sr. Julio Lourenço Pinto, secretario geral de Villa Real, foi transferido para igual logar em Santarem.

O sr. D. João da Camara Leme, que tinha sido transferido de governador civil do Funchal para Santarem, foi demittido por o pedir.

O sr. Bazilio Cabral Teixeira de Queiroz foi nomeado governador civil de Coimbra.

Para o logar de secretario geral do districto de Villa Real foi nomeado o sr. Francisco de Albuquerque Mesquita e Castro.

Para a comarca de Benavente foi transferido o juiz de Porto de Moz, para a de Ponte de Moz, o juiz de Taboa, e para juiz de Taboa foi nomeado o sr. delegado Manuel Celestino Emygdio, um dos mais respeitaveis agentes do ministerio publico e que na sua promoção foi preterido 4 vezes.

O delegado de Alcacer do Sal foi transferido para Lisboa para o logar que occupava o sr. Manuel Celestino.

Para o logar de juiz de Macedo de Cavalleiros foi nomeado o delegado de Vianna do Castello.

Para o logar de juiz de S. João da Pesqueira foi nomeado o delegado de Gouveia.

Para Alcacer do Sal foi transferido o delegado de Setubal; o delegado de Almodovar; para Almodovar foi nomeado delegado o sr. Francisco Alvaro Pinto Valente; para Gouveia foi nomeado delegado o sr. Francisco Roberto de Araujo Magalhães Barros; para Vianna do Castello foi transferido o delegado de Niza; foi nomeado delegado o sr. Manuel Augusto Pereira. * *

Noticias de Hespanha

Madrid, 4. — D. Isabel de Bourbon dirigiu de Pau um manifesto incendiario.

Hoje grande revista ao povo armado e ás tropas para demonstrar a fraternidade entre todos.

O marchal Serrano deve chegar hoje ás 4 horas.

Madrid, 2.— Prim passou hoje defronte de Valencia, e chegará ámanhã de manhã a Barma.

O general Serrano sahirá ámanhã de Cordova e chegará a Madrid á noute. A Catalunha e toda a Hespanha adheriram ao movimento.

Ainda não se sabe qual foi o resultado das eleições de hontem para a junta central.

Barra de Aveiro

Em 2 de outubro não entrou nem sahiu embarcação alguma.

Entradas em 5

VIANNA. — Hiate port. «Principe Feliz», m. Moura; milho e lastro.

Não sahiu embarcação alguma.

Sahidas em 4

PORTO. — Bateira port. «Nova Amizade», m. Villão; sal.

IDEM. — Hiate port. «Joven Laura», m. Villão; sal.

IDEM. — Hiate port. «Senhora da Conceição», m. Nunes; sal.

IDEM. — Hiate port. «Novo Viajante», m. Santos; sal.

IDEM. — Hiate port. «Grande Baptista», m. Branco; sal.

IDEM. — Hiate port. «Primavera do Minho», m. Gaspar; sal.

IDEM. — Hiate port. «Deus Sobretudo», m. Carolla; sal.

IDEM. — Hiate port. «Estrella do Dia», m. Laborinho; sal.

IDEM. — Hiate port. «Resuscitado», m. Mano; sal.

IDEM. — Hiate port. «Nova União», m. Christiano; sal.

IDEM. — Hiate port. «Cruz 1.º», m. Pinto; sal.

IDEM. — Hiate port. «S. João Baptista», m. Chuva; sal.

IDEM. — Hiate port. «E' Segredo», m. Ramizote; sal.

VIANNA. — Hiate port. «Feliz Pensamento», m. Oliveira; sal.

Entradas

PORTO. — Hiate port. «Gloria de Portugal», m. Serrão; carvão.

Em 5

Não entrou nem sahiu embarcação alguma.

Publicações Litterarias

A CRUZ

Semanario Religioso

Expressamente creado para a publicação de todos os decretos do episcopado.

Preço por anno ou 52 n.os 1$800

Assigna-se em Aveiro na livraria de João da Silva Mello Guimarães e no Porto na de Viuva Moré.

Comedias Modernas

(Em um acto)

Os «Amores d'um Marinheiro» 100 rs.— «Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle» 160 rs.—«Por causa d'um clarinete» 120 rs.—«Furto abençoado» 120 rs. —«Nem um nem outro» 100 rs.—«Como se domam as féras» 100 rs.

São remettidas para as provincias a quem enviar o seu importe em estampilhas ou sellos á livraria de J. J. Bordalo rua Augusta n.º 24 e 26. (O porte é franco).

Além d'estas comedias ha outras muitas, dramas, e bonitas scenas comicas, cujo catalogo com seus titulos e preços se dá gratis a quem comprar qualquer comedia, ou é remettido para as provincias a quem enviar um sello de 20 réis em carta fechada á loja acima mencionada. Além d'este catalogo ha outros de differentes livros scientificos, de missa, e Semana Santa, de romances, poesias, albuns, retractos para os mesmos, carteiras de lembranças, etc.

Annuncios

AGRADECIMENTO

Guilherme Maria Sant'Anna e Emilia Augusta, agradecem por este meio a todas as pessoas que se dignaram obsequial-os por occasião do fallecimento de sua sogra e mãe; protestando a todos a sua eterna gratidão — pedindo desculpa de o não fazerem pessoalmente.

Joaquim Arthur da Serra Chuquere e João de Figueiredo Pacheco Telles d'Araujo, infinitamente penhorados para com todos os cavalheiros, ecclesiasticos e mais pessoas, que se dignaram assistir ao acompanhamento e officios funebres de seu fallecido pae e tio, o sr. dr. Agostinho José da Serra Chuquere, visitando-os nessa triste occasião, vêem por este meio agradecer, e protestar-lhes eterna gratidão.

Sever do Vouga, 29 de setembro de 1868.

Joaquim Arthur da Serra Chuquere

João de Figueiredo Pacheco Telles d'Araujo.

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, em execução da fazenda nacional contra José Rodrigues de Figueiredo, ausente, da villa d'Eixo, se ha de a arrematar no dia 25 do corrente um terrado de casas, pateo sito na rua da Balça, d'Eixo, parte do norte e poente com Sébastiana Dias de Figueiredo viuva, do sul com Thiago Rodrigues de Figueiredo avaliado em 30$000 réis. (287)

TINTA NOVA DE ESCREVER

do chimico E. MATHIEU-PLESSY

Premiado com cinco medalhas e com a condecoração e a legião de honra, nas expoições de Bordeaux, Londres e Pariz.

Esta tinta tem as seguintes e principaes qualidades:

Torna-se preta immediatamente: não deixa deposito no tinteiro; não se altera nunca; secca rapidamente; não cria bolor; e não enferruja nem estraga as pennas.

São estas as excellentes qualidades da TINTA NOVA, que tem sido muito elogiada em muitas folhas periodicas estrangeiras, e por muitas pessoas que a têem experimentado. As distincções que foram conferidas a mr. Mathieu-Plessy mostram evidentemente o quanto de apreciavel é esta tinta, e por isso desnecessario achamos inculcal-a. O seu preço é modico.

Unico deposito em Portugal, para vender por atacado, Barboas & C.ª, em Coimbra.

Vendem-se casaes de mós para moinhos. Quem quizer compral-as falle na typographia d'este jornal.

Paris Boulevart 125, Magenta. — Dépôt chez JOZEAU, 48 Hay-Market, Londres. — Ph. Français, 48 Rue Richelieu. — PHARMACIES DES PRINCIPALES VILLES DE FRANCE ET DES PAYS-BAS.

COPAHINE MÉGE

G. JOZEAU, FARMACEUTICO

125, boulevard Magenta, em PARIS.

Este medicamento, que mereceu os elogios da Academia Imperial de Medicina de Paris, em 1840, a recommendação dos medicos especiaes de PARIS e de LONDRES, he desde mais de 26 annos, o tratamento o mais **facil e agradavel** de todas as molestias contagiosas. Os doentes tomão-o sem **repugnancia** e achão-se **segurados** contra toda volta da molestia.—A firma e a marca de Fabrica podem-só garantil-ô das imitações **fraudulentas.** Acha-se em todas as Pharmacias do Universo.

Responsavel — M. A. L. DE MESQUITA.

Typ. do **«Districtoir de Aveo»**